

Educação para e com a singularidade

Alavanca do Mapa Sistêmico

Realização:

CIDADE ESCOLA
APRENDIZ

Apoio:

 **imaginable**
futures

**Educação para e
com a singularidade**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Educação para e com a singularidade [livro eletrônico] / Bergman de Paula Pereira ...
[et al.]. -- 1. ed. -- São Paulo : Associação
Cidade Escola Aprendiz, 2026.
PDF

Outros autores: Giulia Luz Garuzi, Helena Freire
Weffort, Heloísa H. D. Martins Proença
ISBN 978-85-64569-54-6

1. Aprendizagem 2. Antirracismo 3. Educação
4. Educação integral 5. Singularidades I. Pereira,
Bergman de Paula. II. Garuzi, Giulia Luz.
III. Weffort, Helena Freire. IV. Proença, Heloísa H.
D. Martins.

26-357975.0

CDD-370.115

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação integral 370.115

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Ficha Técnica

PUBLICAÇÃO

Coordenação da publicação

Helena Freire Weffort

Autoras

Bergman de Paula Pereira

Giulia Luz Garuzi

Helena Freire Weffort

Heloísa H. D. Martins Proença

Leitura crítica

Jaqueline Lima Santos

Revisão ortográfica

Paula Craveiro

Projeto: Territórios Educativos e Educação Integral em contexto de crise: caminhos para a transformação de redes e escolas brasileiras

Gestão

Helena Freire Weffort

Assessoria

Maria Thereza Marcílio

Pesquisadoras e Formadoras

Bergman de Paula Pereira

Giulia Luz Garuzi

Heloísa H. D. Martins Proença

CIDADE ESCOLA APRENDIZ

Direção Colegiada

Paula Patrone

Raiana Ribeiro

Roberta Tasselli

Diretoria Institucional

Paula Patrone

Diretoria de Programas

Raiana Ribeiro

Diretoria de Comunicação para o Desenvolvimento

Roberta Tasselli

Gerente de Programas

Maíra da Costa

Apoio

Imaginable Futures

Sumário

Mapa Sistêmico

Educação para e com a singularidade

Ciclo: A singularidade como alternativa para respeitar a diversidade dos estudantes na construção do conhecimento

Referências

Mapa Sistêmico



Educação para e com a singularidade

Penso nas palavras 'molde', 'forma', 'formar', 'formatar' etc., e que aplicar esses conceitos a pessoas no primeiro momento da vida, quando são seres inventivos e cheios de subjetividade, é uma violência muito grande. Já vão podendo espíritos que poderiam trazer muita novidade para a Terra. No lugar de produzir um futuro, a gente deveria recepcionar essa inventividade que chega através das novas pessoas. As crianças, em qualquer cultura, são portadoras de boas novas. Em vez de serem pensadas como embalagens vazias que precisam ser preenchidas, entupidas de informação, deveríamos considerar que dali emerge uma criatividade e uma subjetividade capazes de inventar mundos - o que é muito mais interessante do que inventar futuros.

Krenak, 2022, p. 99 e 100.

Somos únicos e somos múltiplos, somos uma riqueza de possibilidades. E podemos nos conectar, interagir... nos constituir em comunidades, grupos, sociedades, civilizações... e compartilhar as graças e desgraças da existência.

Trindade, 2008, p.8

A singularidade é uma das premissas fundamentais de uma Educação Integral Antirracista. Nessa concepção, o reconhecimento das singularidades das pessoas e suas experiências é uma das sustentações do projeto educativo.

É certo que, como nos constituímos seres *em relação* (com as outras pessoas, nas situações em que vivemos, com o espaço etc.), não somos nada “em essência” ou *a priori*. Mas é inegável que a instituição escolar estabelece padrões de desenvolvimento e que tem nutrido, a partir deles, expectativas homogeneizadoras em relação a crianças, adolescentes, jovens e adultos em formação.

Por vezes, tais padrões e expectativas são anunciados e formalizados nos currículos escolares e em avaliações padronizadas, concebidas, inclusive, fora da escola. Outras, são forjados culturalmente, quase como acordos tácitos, e nem sempre trazidos à consciência. É o caso das relações estabelecidas com estudantes moldadas por crenças racistas e machistas, por exemplo. “Os meninos não devem brincar de bonecas, nem de casinha”, “as meninas não são boas em matemática ou ciências”, “vinda daquela família aquela criança não vai longe”, dentre muitas formas de dizer e atuar reproduzindo padrões ou preconceitos.

Assim, olhar por essa “lente” da singularidade nos leva a nos desvencilhar de vieses homogeneizadores que, sendo utilizados para o estabelecimento de relações de ensino e de aprendizagem, dificilmente produzem aprendizagens significativas e construção de conhecimento.

O ciclo apresentado aqui é um convite à reflexão e atuação para o fortalecimento dessa escola que celebra as diferenças e faz dela o seu projeto.

Ciclo: A singularidade como alternativa para respeitar a diversidade dos estudantes na construção do conhecimento

Quando encontramos nosso modo de sentir/pensar/fazer a partir de uma Pedagogia das Afroafetividades, novas proposições metodológicas surgem no chão do Djalma Ramos, com o intuito de construir saberes que nos descolonizem e criem alternativas insurgentes de uma educação para a infância preta, na qual as subjetividades das nossas crianças não sejam feridas, mas a partir da qual princípios como o de alteridade sejam garantidos, a partir de uma Experiência da Felicidade.

Santana et al., 2021, p. 32.

Em nosso país, um conjunto de marcos legais e normativos em nível nacional, como a Constituição Federal, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), afirma o Direito à Educação para todas as infâncias e juventudes. No entanto, ainda nos perguntamos: com quantas e quais vozes se faz uma escola?

Sabemos que os percursos de vida de cada criança que acessa as escolas são sempre singulares, e não uma categoria abstrata e genérica. Quando a escola permite que essas singularidades se encontrem, ganha-se a possibilidade de aprender com a diferença. Quando elas são apagadas em nome de um suposto “estudante mediano”, perde-se a possibilidade de construção de uma escola que reconheça a todos e a cada um. Apesar de toda a riqueza presente nos grupos de estudantes, a escola, enquanto instituição secular, segue, muitas vezes, a olhar para eles e elas de forma homogeneizante.

Como argumenta Helena Singer (2019), somente com a celebração da diferença é possível romper com a cultura escolar tradicional, que olha a todos a partir de uma única referência. Se tomamos a diferença como princípio educativo, e não como exceção a ser administrada, somos convocados a reconhecer que o comum se constrói justamente a partir da presença viva das singularidades e não apesar delas.

Comprometidos com a diferença enquanto princípio educativo, somos movidos a pensar e recriar novos caminhos educacionais capazes de responder a perguntas muito atuais, como: Qual é o papel da escola no reconhecimento, na promoção e no respeito à diferença, de modo que o coletivo não produza o apagamento de cada um? Qual tem sido o espaço voltado para a escuta ativa e afetuosa das singularidades que compõem a comunidade escolar? Que oportunidades têm sido criadas para que estudantes, educadoras, famílias e gestoras e gestores se vejam, se expressem e sejam reconhecidos em sua diferença? Quais espaços e tempos são destinados ao conhecimento e vivência do respeito à diferença? Como os espaços físicos e simbólicos propiciam a acessibilidade, o acolhimento e o pertencimento e a experiência de que todos e cada um têm lugar?

O currículo, as metodologias e os sistemas de avaliação podem e devem ser repensados a partir de um olhar integral e singular, que propicie o desenvolvimento físico, intelectual, social e emocional das crianças e jovens, em atenção plena às relações culturais, sociais e territoriais dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Salas compartimentadas, carteiras enfileiradas e saberes fragmentados fazem parte de um modelo que não leva em conta as necessidades e realidades sociais, culturais, emocionais e de acessibilidade das crianças e adolescentes de nosso país, nem as singularidades que compõem a diversidade de corpos, trajetórias e experiências presentes em cada turma e em cada escola.

Escolas movidas por paradigmas inovadores, em especial pela Educação Integral Antirracista e seus princípios, apresentam mais chances de acolher, incluir e potencializar as aprendizagens a partir do diálogo permanente entre pessoas, suas culturas e histórias, possibilitando a construção de relações mais equânimes e cuidadosas nos territórios. A esse movimento damos o nome *pluriversidade*,¹ entendida como a afirmação de múltiplos modos de existir, conhecer e aprender em convivência, imprimindo respeito a cada sujeito como produtor de cultura. Assim, ao reconhecer estudantes como autores e protagonistas de seus processos de aprendizagem, a Educação Integral Antirracista coloca no centro *as relações*, propondo-as como experiências educativas tecidas a partir do respeito, do afeto, da ludicidade, da relação com a natureza e com o outro a partir de uma perspectiva circular/cíclica.

A *ampliação de espaços de escuta e participação* de estudantes, educadores e famílias, a revisão e estruturação de um *currículo antirracista*, bem como a *reflexão constante sobre a prática cotidiana*, com um olhar atento ao cuidado com a formação subjetiva dos estudantes, constituem movimentos fundamentais nesse caminho.

Soma-se, ainda, a esses movimentos a *ampliação de linguagens artísticas* e do *estímulo à criatividade* como convite à fabulação e à construção de novos sentidos e impulsos de vida, além da formulação de práticas pedagógicas voltadas para a *experiência da alteridade*.

Por fim, também cumpre papel essencial a *reorganização dos espaços físicos* para atender às necessidades das crianças, adolescentes e jovens em seus diferentes corpos, vivências e realidades.

1 Segundo Boaventura de Souza Santos (2019), o conceito de pluriversidade diz respeito a um conhecimento transdisciplinar que, pela sua própria contextualização, obriga a um diálogo ou confronto com outros tipos de conhecimento, o que o torna internamente mais heterogêneo e mais adequado a ser produzido em sistemas abertos menos perenes e de organização menos rígida e hierárquica.

Em conjunto, essas ações apontam para a construção de uma escola baseada na pluriversidade, em que múltiplos modos de existir, conhecer e aprender possam conviver em dignidade.

Para isso, a reestruturação da formação docente e a criação de núcleos de pesquisa constituem-se em estratégias fundamentais, pois garantem a sustentabilidade das ações ao longo de todo o processo de transformação da Educação.

A partir destas reflexões, a proposta é que este ciclo seja sustentado por movimentos de investigação e diagnóstico sobre a própria prática com o objetivo de constituir novos paradigmas, espaços e linguagens ancoradas em uma perspectiva dialógica e de reconhecimento da diversidade e das singularidades dos sujeitos.

Destacamos quatro ações como estruturantes deste ciclo:

1. **Avaliação diagnóstica da escola e rede:** identificação dos aspectos desafiadores dos processos de aprendizagem a partir dos resultados educacionais e de outros dados disponíveis; análise desses resultados segundo recorte de raça e gênero; levantamento e sistematização das práticas educacionais desenvolvidas que produzem os resultados educacionais identificados; identificação de práticas participativas para produção de conhecimento, e levantamento de como acontece o diálogo entre escola e famílias sobre as aprendizagens dos estudantes, com atenção às singularidades que compõem cada turma e cada território.
2. **Mobilização da rede (estudo e inovação):** levantamento de experiências com resultados positivos na construção do conhecimento pautado no respeito à diversidade e valorização da singularidade, realização de espaços de estudo, diálogo e criação coletiva entre

educadoras, educadores, gestores, estudantes, famílias e demais atores do território, de modo a fortalecer uma cultura de colaboração e corresponsabilidade.

- 3. Reorganização das práticas de ensino:** implementação e acompanhamento de experiências de participação dos estudantes nas decisões e na própria construção de conhecimento; fortalecimento do trabalho em grupo; diversificação de formas de registro e avaliação, de modo a garantir que diferentes modos de aprender, se expressar e participar sejam reconhecidos e legitimados no cotidiano da sala de aula e da escola.
- 4. Estruturação de um ciclo de investigação da prática:** definição de um objetivo de investigação das práticas voltado à produção do conhecimento em singularidade; planejamento, desenvolvimento e registro sistemático dessas práticas; realização de uma avaliação final que explicita o que elas revelam sobre a produção de conhecimento em singularidade, quais avanços foram observados e o que precisa ser incorporado, revisto ou ampliado no projeto pedagógico coletivo da escola e da rede.

Desejamos que esses movimentos inspirem novas práticas de ensino e aprendizagem, contribuindo para que a escola se afirme, cada vez mais, como um espaço de respeito às singularidades e de afirmação da diferença!

Para planejar o ciclo de trabalho, consulte também

[Abordagem sistêmica do Direito à Educação.](#)

[Orientações metodológicas para construção de rede.](#)

Referências

KRENAK, Ailton. Futuro Ancestral. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

SANTANA, Fátima; **MELO**, Cristiane; **LIMA**, Elisiane; **RIBEIRO**, Mabian (orgs). Livro de Memórias. Projeto 'Por uma infância escreviente: práticas de uma educação antirracista'. Lauro de Freitas, BA: Duna, 2021. Disponível em: [https://media.ceert.org.br/portal-4/pdf/pdf_publicacoes/202501141824526786abf411389-Livro%20de%20Memorias%20-%20Ebook_Final%20\(1\).pdf](https://media.ceert.org.br/portal-4/pdf/pdf_publicacoes/202501141824526786abf411389-Livro%20de%20Memorias%20-%20Ebook_Final%20(1).pdf). Acesso em: 15 jan. 2026.

SANTOS, Boaventura de Sousa; **MARTINS**, Bruno Sena. O pluriverso dos direitos humanos: a diversidade das lutas pela dignidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Educação-Diversidade-Igualdade: num tempo de encantos pelas diferenças**. Revista Fórum Identidades, v. 3, n.3, p. 8, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/1740/1531>. Acesso em: 13 fev. 2026.

SINGER, Helena. A inclusão exige mudança. Nova Escola, 2019. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/15168/a-inclusao-exige-mudanca>. Acesso em: 15 jan. 2026.

**Acesse os materiais da pesquisa-ação
pelos seguintes canais:**

cidadeescolaaprendiz.org.br/atuacao-sistematica



www.facebook.com/associacaocidadeescolaaprendiz



www.instagram.com/cidadeescolaaprendiz/



go.aprendiz.org.br/oxjLPD

Realização:

CIDADE ESCOLA
APRENDIZ

Apoio:

 **imaginable**
 futures

